

O BIJOU

PUBLICAÇÃO QUINZENAL LITTERARIA
DEDICADO AS DAMAS VIMARANENSES

ASSIGNATARIAS	EXTRACTOS	TODA A CORRESPONDENCIA
Anno 300	DOMINGO 1 DE MAIO DE 1887	Deve ser dirigida á
Com estampilha 360	—	REDAÇÃO.

EXPEDIENTE



COM o proximo numero termina o primeiro anno da publicação do «Bijou». Scientes de não violarmos na mais difficil conjectura o nosso singelo mas activo programma: INSTRUÇÃO E MORALIDADE, vimos hoje propôr ás nossas bondosas assignantas o augmento do nosso jornal; e, na certeza da sua obsequiosa protecção, desde já lhes endereçamos o nosso sincero agradecimento.

A vida de um periodico, seja qual for a sua doutrina, é sem duvida, o grande numero d'assignaturas; e é por esta razão que nós ousamos antecipadamente consultar as nossas estimaveis assignantas e assignantes, esperando até ao proximo numero as suas apreciaveis ordens sobre o seguinte augmento:

O «Bijou» continuar-se-ha a publicar quinzenalmente; o formato será o mesmo, mas terá outro tanto papel, ficando por esta forma igual ao numero 14, offerecido como brinde ás nossas assignantas.

O preço annual será apenas de 500 reis, e com estampilha 560 reis.

Nós, facilitando assim ás nossas excellentissimas assignantas, por tão pequena quantia, uma maior leitura, esperamos que a «Joia» que até aqui tem conquistado as suas preciosas dedicações, a não deixarão naufragar no oceano da impublicidade. O nosso programma será o mesmo que até aqui adoptamos: Instrução e moralidade.

INSTRUÇÃO E MORALIDADE! sim, porque o prestigio d'estas duas palavras são a base fundamental da sociedade. São duas palavras que se levantam no meio dos povos para lhes indicar o caminho da virtude e da civilização. E são ellas que, nas mirificas irradiações da sua significação, illuminam o

espírito humano insinuando-lhes a comprehensão dos seus deveres.

Portanto, estas duas palavras que tem sido o nosso lema, continuarão a ser o alvo das nossas aspirações.

A REDAÇÃO.

OS CONSELHOS DA MAMÃ

CONTOS SEM ARTE

AS LEITORAS DO *Bijou*

III

BERTHA

RESCEU extraordinariamente n'estes ultimos dons annos a Bertha! Tem só 15 annos e parece uma senhora! A expressão da sua phisionomia conserva, porém, toda a meiguice da infancia, o mesmo olhar suave de mansa rôlla, nos labios sempre um sorriso infantil, uma caricia. E' que Bertha tem toda a candura dos primeiros annos, a par de uma bondade graciosa, cheia de modestia. E' por isso que, quando ella passa com o seu vestido de cambraia, menos branco do que a sua formosa alma, deixa, após a sua passagem, um perfume suavissimo semelhante ao que exhala um bouquet de resêda.

Seria por acaso Bertha uma crean-

ça diferente das outras? Não teria caprichinhos infantis, perrices, teimas? Por certo que sim; mas *alguem*, a cuja guarda Deus a confiou, velava solícita por Bertha, e mal brotavam no pequenino coração da creança as plantas nocivas, uma mão dextra as arrancava, com tal jeito, tão suavemente, que Bertha quasi o não sentia. E então as boas plantas, livres dos cardos e urzes, estendiam as suas raizes, mais para o centro do pequeno coração, e desenvolviam-se enfrondecendo. E o orvalho fortificante da Graça Divina regava-as e ellas cresciam sempre. E a boa mãe, que algumas vezes chorára ao vêr nascer as más hervitas, e quando as suas mãos se fatigavam a arrancal-as, depois, contemplando o pequeno prado, tão promettedor, sorria, e ajoelhando bendizia o Senhor. E é por isso que Bertha, estando tão crescida, conserva toda a graça, toda a simplicidade, de quando era pequenina. Sua mãe, que é a sua primeira amiga, é também a sua melhor conselheira. Bertha não faz cousa alguma sem a consultar; chega até a relatar-lhe minuciosamente os seus pensamentos, os seus innocentes devaneios. A mãe não se enfada nunca com as perguntas da filha, esclarece-a carinhosamente, e mesmo quando a admoesta e ralha com ella, o faz sempre com taes palavras, que mais commovem do que magoam Bertha.

Uma vez, ao entardecer, á hora em que a noute com a orla do seu longo manto desvia do occidente o derradeiro clarão do crepusculo, Bertha e sua mãe entravam em casa após o seu passeio da tarde. A mãe, um pouco fatigada, recostou-se ligeiramente n'uma cadeira. E' uma senhora ainda muito nova; na doçura e regularidade das linhas do seu rosto adivinha-se a bondade do seu coração e a tranquillidade que provém do cumprimento do dever. Olhando-a attentamente, pode affirmar-

se, sem hesitar, que ella pertence a essa pleiade de mulheres que sabem soffrer muito e amar sempre; que passam na terra praticando e ensinando o bem, e que, como as violetas, por mais que se occultem, sempre hade denuncial-as o seu dulcissimo aroma.

Agora, a bondosa senhora, contempla Bertha; Bertha, que, encostada ao peitoril da janella, fita o horisonte, de uma limpidez purissima. Talvez a sympathica rapariga leia e medite.

Lêr? objectar-me-ha alguém; como, se não tem livro algum junto d'ella?

Não tem? quem ousa dizel-o? O que é então essa immensa e deliciosa pagina azul, que se estende sobre a sua cabeça e aonde o Senhor escreveu com globos de luz as maravilhas do Seu poder?

Que sensações indiziveis, mysteriosas, inundam de luz nossas almas, soletrando, sem comprehender, mas absorvendo, na contemplação do infinito!... Mas, Bertha que conhece este livro sublime, agora parece distrahida! e sem duvida o está, porque após uma ligeira hesitação retirou-se precipitadamente da janella sem prestar attenção á nova aria que para a festejar ensaiava o rouxinol na balseira proxima.

(Continua)

VIRGINIA D'ABREU.

BOLETTIN ELEGANTE

Desde o dia 3 ao dia 13 do corrente fazem annos as ex.^{mas} sr.^{as}:

Dia 3—D. Maria da Assenção Alves Lemos.

Dia 6—D. Maria Arminda da Silva Caldas.

Dia 11—D. Adelia da Cruz Fernandes.

Dia 13—D. Alcina Rosa da Silva (Vizella).

MUSA VELHA

(a um poeta da nova escola)

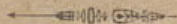
Dantes não era assim! a condição
Que mais se requeria no poeta
Não era que elle fosse tão propheta,
Nem tão vidente como os d'hoje o são.

Hoje é outro cantar, outra a missão
Que elle deve cumprir: ter linha recta,
Suggestões philosophicas, a setta
Que bem lhe evidencie a orientação.

De maneira que, se eu tiver a idea,
Que a Musa me suggere, e tu engeitas,
De que tens para tolo grande veia,

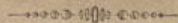
Não tenho suggestões, noções perfectas
Do que tu és? Nenhuma me norteia
D'estas quatorze linhas tão directas?!
F. C.

1880.



12 DE MAIO

Ao mavioso poeta, ao primoroso
escriptor, ao distincto academico, ao
prestimoso e dedicadissimo amigo
Braulio Caldas, envia esta redacção as
mais cordeas felicitações pelo seu an-
niversario natalicio.



EM SONHO

De noite quando tudo já descança
E vão adormecendo os meus sentidos,
Eu sinto a voz gentil d'uma creança
Fallando meigamente aos meus ouvidos.

E quando de manhã a cotovia
Vem arrancar-me ao sonho encantador,
Ouço ainda no echo que resfria
A voz a soluçar baixinho—amor!...

Vieira, Abril de 87.

Alfredo Ribeiro.

NEREIDA !

Juntára-se na praia a fina flor das salas,
As deusas do chig-lipho de faces setinosas,
E em bando juvenil, como um aboqueiro de rosas,
Brincavam, misturando o chilrear das fallas.

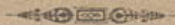
Uma franzina loura, alva como as opálas,
Que abandonára á brisa as tranças perfumosas
Ouvia complacente as maguas amorosas
De anemico aloáo, sorrindo de escutal-as...

O mar, no deido afan de convulsões estranhas,
Erguia-se a bramir do fundo das entranhas
Vindo gemer na areia uns doloridos aés...

E eu, vendo-te sair do mar que se espraíava,
Um desejo febril o peito me abraçava...
Beijar-te, como a onda, as formas divinaes!

1882

EDUARDO CARVALHO.



SAUDADE!

(AS LEITORAS DO *Bijou*)

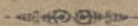
COMO és bella e triste, ó immortal
flôr do sentimento!

Deixa que o teu mimoso calix se
incline, para que todos vejam cair
essa gotta de orvalho crystallisada pela dôr.
Tu, piedadissima leitora, se és donzella, es-
posa ou mãe, e se alguma vez abandonaste
as pessoas que te eram mais dedicadas, ou
presenceaste o passamento dos que estreme-
cias, diz-me :

Não observaste no arquejar do peito, nas
dolorosas pulsações do coração, nos estreme-
cimentos que te agitavam o sangue nas
arterias, e nas lagrimas que involuntaria-
mente te humedeciam as faces; sim, não
sentiste em tudo isto um desejo attrahente,
uma paixão que se evolava do coração ao
cerebro, transformando-se em duros aneios
por não teres o arrimo d'essas pessoas, ou
não seres acariciada pelos que deixaram de
existir?...

Pois, se tudo isto já cruciou a vossa de-
licada existencia, e se as remenicencias de
outr'ora vos orvalharam as faces com o
pranto, dir-vos-hei que tudo isso, era o
effeito da SAUDADE!

A. Pires.



PARTIDA

Regressaram ha dias a Coimbra
os nossos preadadissimos amigos snrs.
Braulio Caldas e Antonio Leal.

O PINTOR

(A BRAULIO CALDAS)
(CONCLUSÃO)

ALBERTO estava sobrecarregado de trabalho e viu-se seriamente embaraçado para lhe tirar o retrato tão depressa como desejava.

—Minha senhora, disse o pintor, queira v. exc.^a ter a bondade de ver a enorme quantidade de trabalho que tenho e conhecerá então não ser possível a realização do desejo, ou antes, das ordens de v. exc.^a.

—Pois apesar de tudo é preciso que comece hoje mesmo; tenho muita necessidade do retrato, não é verdade, meu tio?

—Sim, minha sobrinha disse a verdade, ha muita urgencia.

Alberto teve de ceder. Era a primeira vez que a via tão de perto. Nunca mulher alguma lhe pareceu tão formosa.

No ceo encantado do pintor fulgurou a estrella do amor.

Realmente Henriqueta tinha o condão de fascinar. Jovem, loura, olhos scintillantes, labios de carmin e um collo adoravel.

—N'esse caso, murmurou Alberto, vou principiar.

Henriqueta collocara-se n'uma attitude admiravel. A cabeça algum tanto reclinada imprimia-lhe tal expressão d'alegria amorosa, que o pintor, profundamente admirado, movia o pincel, percebendo que se empenhava n'uma lucta em que evidentemente seria subjugado.

Ambos se trahiam; ambos patenteavam a affeição que lhes brotava do peito.

A todos que frequentavam o seu atelier mostrava Alberto o retrato por completar repêtindo sempre: «a minha maior gloria».

Decorreram seis mezes depois que Henriqueta era possuidora do seu

retrato. No fim d'esse tempo escreveu-me Alberto Novaes, participando-me o seu casamento.

E' que o meu amigo casava com Henriqueta, com aquella loura d'olhos scintillantes, labios de carmin e um collo adoravel.

Ainda hoje se lê na parte superior do retrato: «a minha maior gloria».

Porto,—14—4—87

A. Leão Martins.

VIOLETA

A singella flor que nasce entre espinhos e abrolhos, em seu calice recebe as lagrimas dos meus olhos.

Matheus Peres.

Modestas violetas minhas de róxa miuosa cor,
Diga-lhe vosso perfume a saudade d'esta dor!

Dizei-lhe estas saudades que pungentes me devoram estas lagrimas sentidas que os meus tristes olhos choram!

Mas não, q' ridas violetas, que nunca saiba este amor, pois quem sabe? em vez d'esprança me dará só amargor!

Maço de 87. J. DE MELLO.

CORRESPONDENCIA
«REVISTA ILLUSTRADA»

Recebemos e agradecemos o n.º 2 d'esta excellente publicação mensal de que é director e principal redactor o sr. Luiz Antonio Gonçalves de Freitas.

Sentimos não possuir o n.º 1.

Não recebemos a conclusão dos «Medievaes».